

Têrça-feira, 12 de Agôsto de 1958

RUBEM BRAGA

A FOTOGRAFIA

ATAL fotografia é mesmo surpreendente: os personagens de verdade estão ali como se fossem atores da Praça Tiradentes fazendo o papel deles. O presidente Juscelino de mãos e olhos suplicantes, em pé o grosso sr. Dulles sentado, a consultar um caderno escuro, com um vago sorriso.

Sabemos, é claro, que foi azar. O agilíssimo Jean Manzon desta vez dormiu no ponto; ao tentar armar uma cena banal para sua máquina, êle armou uma cena raríssima para seu colega do «Jornal do Brasil». Sabemos agora que é a êle, Manzon, que estava atrás do sr. Dulles, que o presidente se dirige; na verdade êle pede clemência ao fotógrafo exigente. Não entendendo português, o sr. Dulles não se levantara imediatamente, o que fêz a seguir, como contam as testemunhas. Esta é a verdade. Mas a foto documenta uma verdade outra, que transcende as figuras do sr. Dulles e do sr. Juscelino para exprimir o sentimento geral a respeito do caráter das relações entre os Estados Unidos e êstes seus primos pobres do Sul. O acaso tem seus lances pirandelianos.

Não consegui me esquecer da fotografia enquanto lia o pequeno livro do deputado Dagoberto Sales, contendo o relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito que investigou o problema da energia atômica no Brasil. Não concordo com tudo o que se diz nesse livro e nos discursos a êle anexos, pois prefiro abrir um crédito de boca-fê a muitos dos que se colocaram em posição contrária à do relator. Não me arriscaria, como o deputado Seixas Dória, a chamar de «figuras repelentes» e «traidores cínicos» homens que agiram em sentido contrário à sua política. O próprio relatório não tenta dar qualquer espécie de explicação ao fato de haver o sr. Getúlio Vargas, quatro dias antes de seu suicídio, assinado um acôrdo com os Estados Unidos em todo o sentido contrário à sua famosa carta-testamento.

Mas o importante, nessa documentação, é ver como a diplomacia americana «dobra» a nossa, como é insistente em suas pressões e dura em suas negativas. Mostra também que muitas vêzes temos sido demasiado fracos, temos retrocedido, temos gasto nossos triunfos em troca de nada, temos feito pouco de nosso próprio poder de barganha.

Esperemos que a publicação de coisas assim ensine a nossos estadistas a necessidade de se adotar uma política mais firme, mais coerente, mais corajosa no campo externo. Se precisamos muito dos Estados Unidos êles também precisam de nós; se não fôsse isso o sr. Dulles não viria aqui arriscar-se a uma vaia. Implorando é que não conseguiremos nada.

Vamos rasgar a fotografia e cantar o velho samba: «Implorar só a Deus...».

RUBEM
BRAGA

AGORA SEMANALMENTE
NA PÁGINA 9 DO

MUNDO
ILUSTRADO